

**O ENTRELACE ENTRE O BEM-ESTAR E A PERMANÊNCIA  
ESCOLAR: um estudo sociométrico envolvendo estudantes da EJA do IFF****THE ENTRELACE BETWEEN WELL-BEING AND SCHOOL STAY: a  
sociometric study involving IFF EJA students**

Saionara Rosa da Cruz<sup>1</sup>  
Elane Kreile Manhães<sup>2</sup>  
Gerson Tavares do Carmo<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo utiliza a sociometria, ferramenta de observação do microcosmo das relações entre pares estabelecidas num contexto, e teorias ligadas ao bem-estar para análise de envolvimento e permanência na escola. Foram aplicados dois instrumentos de pesquisa a alunos de EJA, do IFF - *campus* Guarus, visando entrelaçar os dados. Desse reconhecimento, foi possível cruzar informações entre a posição sociométrica e a relação de bem-estar com a instituição, trazendo para o cerne da discussão, não só as relações nocivas que devem ser minimizadas, mas também as relações saudáveis cujas características podem e devem ser propagadas por agentes institucionais.

**Palavras-chave:** Permanência. Bem-estar. EJA. Sociometria.

**Abstract**

This article uses sociometry, a tool for observing the microcosm of peer relations established in a context, and theories linked to well-being for the analysis of involvement and permanence in school. Two research instruments were applied to students from EJA, from IFF - campus Guarus, aiming to intertwine the data. From this recognition, it was possible to cross information between the sociometric position and the relationship of well-being with the institution, bringing to the heart of the discussion, not only the harmful relationships that must be minimized, but also the healthy relationships whose characteristics can and should be propagated by institutional agents.

**Keywords:** Permanence. Welfare. EJA. Sociometry.

**Introdução**

---

1 Instituto Federal Fluminense, Mestre em Educação pela UFRRJ, Diretora de Políticas da Educação na PROEN/IFF, Membro do Núcleo de Pesquisa (NUCLEAPE), Campos do Goytacazes-RJ e-mail: saionara@iff.edu.br

2 Instituto Federal Fluminense, Professora de Educação Profissional e Tecnológica, Mestre e Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Membro do Núcleo de Pesquisa (NUCLEAPE), Campos dos Goytacazes, RJ, e-mail ekreilem@gmail.com

3 Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) Professor associado da UENF, credenciado nos Programas de Pós-Graduação de Cognição e Linguagem e de Sociologia Política, Pós-Doutorado em Sociologia Pragmática na Universidade Nova de Lisboa, Vice-líder do Núcleo de Estudos sobre Acesso e Permanência na Educação (IFF/UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, e-mail: gtavares33@gmail.com

O objetivo principal da pesquisa que subsidiou o presente artigo é reconhecer, utilizando a classificação sociométrica, as diferentes formas por meio das quais, estudantes veem sua relação com o ambiente escolar e se sentem satisfeitos, ou não, com o ambiente que os circunda. Assim, ao identificar e observar mais de perto tais relações, os agentes institucionais poderão perceber estratégias que são criadas entre estudantes, para favorecer seu envolvimento, e, conseqüente, permanência na escola, partindo do princípio de que urge uma conversão do olhar para as relações de associações discentes.

É fato, pois, que a legislação e a democratização da educação, sobretudo, a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 – CF (BRASIL, 1988), têm contribuído para o retorno do estudante trabalhador à escola. No entanto, as ações positivas ocorridas no interior das relações educacionais de uma instituição de ensino têm sido pouco exploradas, de modo que se reconheça uma característica que lhe é fundamental: como o estudante aprende e como favorecer essa aprendizagem? Quais estratégias os indivíduos criam individual e/ou coletivamente para aprender? Como o bem-estar pode contribuir na aprendizagem? Olhar para a instituição escolar e para o que acontece em seu interior é, portanto, o foco desta pesquisa, procurando dar a visibilidade e a devida importância ao ambiente em que a aprendizagem ocorre, e a sua conseqüente relação com a permanência do estudante da EJA.

Nesse contexto, assume-se que os testes sociométricos podem contribuir para a constituição do percurso de pesquisa, pois, em vez de um olhar externo, que se pode configurar como superficial, ele possibilita a observação de tais relações, a partir de um ângulo privilegiado, situado no próprio interior das relações, viabilizando uma análise de dentro do microcosmo de atrações e rejeições entre pares. Sendo assim, esta investigação objetiva compreender as estratégias construídas entre discentes, no espaço social do *campus*, que favoreçam tanto a constituição da natureza da felicidade e do bem-estar subjetivo, quanto o envolvimento e a permanência dos estudantes.

Para Moreno (1962), a sociometria desenvolve uma investigação sistemática sobre a constituição e evolução de grupos, e sobre a posição dos indivíduos em tais grupos, sempre observando as relações espontâneas de atração e repulsão. A sociometria, inserida no contexto deste trabalho, permite um estudo do inter-relacionamento grupal que proporcionará aos

agentes institucionais, uma identificação das posições sociométricas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos do IFF - *campus* Guarus. Desta forma, ela se apresenta como um poderoso instrumento, uma vez que nem sempre é possível identificar com precisão estas configurações reais assumidas pelos indivíduos.

O conceito de bem-estar subjetivo é recente, e surgiu por volta dos anos sessenta, sendo que suas raízes ideológicas remontam ao século XVIII, época do Iluminismo, no qual se defendia o princípio de que a existência humana é a vida em si mesma. Nessa época, priorizava-se o desenvolvimento pessoal e a felicidade como valores centrais, sendo considerada uma medida que inclui a presença de emoções positivas, com ausência de emoções negativas e a presença de sentimentos de satisfação com a vida (DIENER; SUH; OISHI, 1997).

A investigação centrada no bem-estar subjetivo tem procurado responder a uma variedade de questões, e ainda a outras inerentes aos princípios da natureza da felicidade, referindo-se às avaliações que as pessoas fazem das suas vidas – quer na dimensão afetiva, quer na dimensão cognitiva. Tal caminho de investigação configura-se num importante componente que “pode favorecer a maneira como vemos a nós mesmos e as outras pessoas, o que pode resultar em maior prazer em vivenciar as situações cotidianas e o relacionamento com nossos pares” (PASSARELLI; SILVA, 2007, p. 514).

Com o intuito de perseguir os objetivos propostos para este estudo, foram observados estudantes dos cursos técnicos em Meio Ambiente e Eletrônica Integrados à Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA) de uma instituição pública federal de ensino. No primeiro momento, foi aplicado a eles um teste sociométrico que recolhe dados sobre sua classificação sociométrica, num contexto hipotético em que eles deveriam escolher pares com quem gostariam de formar grupos de estudos.

No segundo momento, a coleta de dados se deu através de um questionário formulado para recolhimento de informações a partir da investigação proposta. É importante ressaltar que esse instrumento de pesquisa foi elaborado com base na literatura pesquisada e aplicado a uma amostra selecionada da população a ser estudada, traduzindo em números as informações a serem classificadas e analisadas e utilizando cálculos matemáticos por meio do *software* de confecção de planilhas eletrônicas *Excel*. Um estudo transversal com relação às percepções

dos participantes e sua integração com o meio social *escola* foi distribuído em cinco categorias, sendo aplicadas as escalas de classificação e de avaliação sobre a natureza da felicidade e do bem-estar subjetivo.

Mais do que nunca, o processo de aprender escapa dos muros da escola para se realizar nas inúmeras e variadas possibilidades de acesso ao conhecimento presente na prática social e produtiva. Dessa forma, a escola precisa ser dinâmica, flexível e atraente. Precisa estar preparada para formar cidadãos criativos e críticos e que estejam dispostos a assumir desafios.

Diante desse fato, podemos entender que não mais cabe na educação uma onipotência do educador e da escola, mas é preciso a construção, em seu interior, de uma prática pedagógica dialógica desenvolvida pelos agentes da educação – professor e estudante. E, assim, a escola passa a ser espaço de otimização dos processos de aprendizagem de construção do cidadão, sem o que ela está fadada a continuar reproduzindo os papéis definidos pelo antigo sistema (CRUZ, 2015).

Entende-se aqui que o espaço escolar é palco onde se constrói algo muito valioso, as relações, e que estas dão sentido ao território em que o estudante habita a partir do momento em que se entende, tal como Santos, Souza e Silveira (1998, p. 17), que a informação se configura no verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território.

Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino e conseqüentemente o acesso equânime à informação de modo que a apropriação dos conteúdos escolares tenham ressonância na vida dos alunos. Entendida nesse sentido, a educação é uma atividade mediadora no seio da prática social global, ou seja, uma das mediações pelas quais o estudante, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética) a uma visão sintética, mais organizada e unificada, com vistas a ocupar, de forma ativa, os territórios que ele transforma e que, ao mesmo tempo, são transformados por ele.

## **Desenvolvimento**

Este trabalho se desenvolve a partir de um primeiro desdobramento do projeto de pesquisa “A relação dos testes sociométricos com a natureza da felicidade e do bem-estar: um

estudo de caso sobre a aprendizagem dos estudantes da EJA do IFF *campus* Guarus”, inscrito no Edital n. 67, Reitoria, de 18 de abril de 2019, que trata do Processo de Seleção de Projetos de Pesquisa e Seleção de Bolsistas de Iniciação Científica e de Iniciação Tecnológica. Após aprovação, sua divulgação se deu por meio do Edital n. 101, Reitoria, de 3 de julho de 2019.

Como parte de um projeto guarda-chuva maior que intenta observar o ambiente, como um todo, de uma instituição federal de ensino que oferta a EJA e as relações favoráveis de sociabilidade e de aprendizagem dos estudantes de tal modalidade, este estudo se configura num trabalho inicial e abriga somente as relações de satisfação de 22 alunos do primeiro e do terceiro anos dos cursos técnicos de Eletrônica e de Meio Ambiente, integrados à Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Tal amostra, escolhida de forma aleatória, corresponde a 30% do total de alunos que frequentavam, no momento da pesquisa, as séries observadas. A pesquisa foi assentada em cinco categorias distintas, porém, complementares entre si, quais sejam as percepções de felicidade, as relações interpessoais, o ambiente do campus, as atividades acadêmicas e os serviços e infraestrutura.

O curso PROEJA de uma instituição pública federal de ensino foi escolhido como campo de pesquisa para este estudo devido à característica em geral apresentada por tais estudantes de dividirem seu tempo com outras tarefas múltiplas, além de seus estudos. Sendo assim, os alunos do PROEJA, chamados por Arroyo (2019) de “passageiros da noite”, num contexto escolar para o qual levam não só as injustiças sociais que os castigam, mas também as esperanças de retomada de percursos estudantis, ocupam um lugar de destaque na intenção de trazer à tona discussões que contribuam para a centralidade das relações interpessoais na construção e percepção do bem-estar, no lugar que ocupam dentro da instituição escolar. Olhar o estudante jovem e adulto sob um prisma dialógico que reconheça a importância de sua integração e envolvimento no ambiente escolar é também reconhecer que:

Os jovens e adultos têm direito a entender o núcleo que dá sentido à sua vida em comunidade, o viver cotidiano, o trabalho. O direito ao conhecimento do qual somos profissionais tem como conteúdo a compreensão desse núcleo de sentido: os processos cotidianos de interação, de sociabilidade, nos quais tecemos nosso formar-nos como humanos, como cidadãos e trabalhadores, membros dos diversos coletivos de geração, gênero, orientação sexual, classe, etnia, raça, campo, periferia. Entender os processos de sermos submetidos às relações sociais, classistas, racistas, sexistas de produção e de

trabalho em que produzimos nossas identidades, nossos saberes (ARROYO, 2019, p. 150).

Para tanto, a metodologia usada para perseguir a proposta de pesquisa apresentada foi constituída de duas etapas de coleta de dados complementares entre si: 1) realização de testes sociométricos nas turmas de observação, com o intuito de verificar a rede de relações que se formavam em seu interior; 2) emprego de questionários entre os alunos com posições sociométricas diversas obtidas, como resultado da primeira etapa de investigação, cuja análise foi feita com base nas classificações sociométricas propostas por Coie, Dodge e Coppotelli (1982). Tal etapa de investigação teve por objetivo cruzar dados e identificar a natureza da felicidade e do bem-estar entre discentes, e dar visibilidade a tais dados no ambiente institucional, de modo que se propaguem e que consequentemente favoreçam um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e eficaz.

### **O teste sociométrico e as classificações sociométricas**

A Sociometria é um estudo que, nas palavras de Moreno (1962), baseia sua originalidade no fato de que, apesar de ser um teste e, por isso, poder sugerir mera mensuração, não coloca o *socius* à margem do *metrum*, mas, pelo contrário, traz o *metrum* apenas como um caminho pelo qual o estudo passa para se chegar ao seu objetivo final, o *socius*. Para a realização de um estudo sociométrico, existem algumas técnicas, dentre elas, o teste do primeiro encontro, o teste de expansividade afetiva e o teste sociométrico, sendo este último, o solo em que se assenta esta pesquisa.

O teste sociométrico consiste basicamente de uma pergunta disparadora que pede aos indivíduos que escolham, entre seus pares, de forma espontânea, outro ou outros sujeitos com quem gostariam de formar parcerias com base em uma situação hipotética. A partir das respostas apresentadas, é possibilitado ao pesquisador estudar as microrrelações sociais manifestadas em condições de rejeições e atrações pelo grupo observado, e pelas condições em que elas foram iniciadas. É importante ressaltar que o teste sociométrico não tem nenhuma pretensão de revelar posições enrijecidas dos indivíduos, pois, dependendo dos grupos sociais estudados e da pergunta disparadora, os indivíduos podem produzir agrupamentos

semelhantes ou diversos da mesma pessoa, produzindo assim uma classificação sociométrica distinta (ou não) de outra que tenha sido anteriormente observada.

Acerca da classificação sociométrica, Coie, Dodge e Coppotelli (1982) foram os precursores em apresentar o *standard score* ou, em português, o método a ser utilizado para a apresentação de uma pontuação normalizada. Em suas investigações, os autores definiram a aceitação (“mais gostado”) e a rejeição (“menos gostado”), a partir de nomeações, respectivamente, positivas e negativas, contabilizadas e, posteriormente, normalizadas. Essa normalização é necessária, pois, como preceituado por Moreno (1962), a espontaneidade<sup>4</sup> é peça fundamental para a Sociometria e, dessa forma, nenhuma imposição acerca de números de indicações pode ser feita. Sendo assim, não há como saber se um dado número de indicações é elevado ou não em relação ao grupo, senão por meio da normalização da somatória observada.

Em posse da pontuação normalizada, é possibilitado ao investigador calcular o impacto social (IS) e a preferência social (PS) de cada indivíduo, definindo-os em classes sociométricas resultantes de análises das diferentes dimensões. Coie e Dodge (1988) definem as classes a serem utilizadas neste estudo e as classificam em populares, rejeitados, negligenciados, controversos e médios.

De forma sumária, Alves e Duarte (2010) destacam que aqueles que se enquadrariam entre os populares apresentariam maiores índices de sociabilidade, habilidades cognitivas e cooperação e menores índices de retração e agressão. Já os rejeitados, ocupantes de uma posição simetricamente oposta aos populares, seriam mais agressivos e apresentariam menores índices de sociabilidade e habilidade cognitiva.

Ainda dentro da classificação apresentada por Alves e Duarte (*ibidem*), os negligenciados apresentariam altos índices de timidez e poucas interações sociais. Os controversos, se comparados aos médios, seriam aqueles que, como a própria nomenclatura sugere, apresentassem, por um lado, índices de agressividade maiores do que os índices daqueles que se enquadrassem na categoria de rejeitados e, por outro, ações e características positivas semelhantes às daqueles que fossem classificados como populares.

---

4 A espontaneidade é um dos conceitos-chave de Moreno (1962). No entanto, devido à limitação de espaço deste estudo, optamos por não nos aprofundarmos nos fundamentos que a subjazem.

Acerca dos indivíduos classificados como médios, uma revisão de literatura realizada por Oliveira (1999) revelou que não há uma descrição dos médios considerada habitualmente em separado dos outros e que, de uma forma geral,

ou é subentendido que os médios e os populares são os grupos sociometricamente melhor posicionados, e são, desse modo, descritos em conjunto, ou o grupo dos médios é usado apenas como comparação com outros grupos extremos, estimando nesse caso as suas características como intermédias (ibidem, p. 55)

## O método

Quando se fala em uma pesquisa embasada na Sociometria, a sua fase inicial, a preparação da pergunta disparadora, é, sem dúvida, um ponto chave para que todo o processo posterior transcorra de acordo com o esperado. Alves (1974) destaca alguns pontos que devem nortear o pesquisador nessa etapa de investigação, entre elas, a clareza e a objetividade sobre os critérios a serem utilizados na pergunta. Dessa forma, observando o fato de que a pergunta deveria ter uma significação clara para todos os membros do grupo, e de que pretendíamos observar as microrrelações estabelecidas na sala de aula pesquisada, a pesquisa consistiu, primeiramente, da construção de um cenário hipotético em que os alunos deveriam se agrupar para estudar para uma disciplina, cujo conteúdo eles consideravam difícil. Posteriormente a essa ambientação, fizemos as perguntas *Quem você escolheria para compor seu grupo de estudos para essa disciplina?* e *Quem você não escolheria para compor seu grupo de estudos?*

É relevante informar aqui que todos os participantes do teste devem estar à vontade para fazê-lo e que o pesquisador deve explicitar todos os seus objetivos para a realização de tal pesquisa, de modo a dirimir quaisquer dúvidas e a evitar futuros mal-entendidos. Além disso, a presença do pesquisador é fundamental do início ao fim da aplicação do teste, para garantir que não haja comunicação entre os participantes enquanto eles estiverem respondendo a esse instrumento de pesquisa.

Para a análise de dados, foram utilizados recursos do *software yEd Graph Editor* para a composição dos sociogramas e facilitação de observação das redes configuradas. Além disso, em posse da contabilização das escolhas e rejeições, tal como supracitado, os resultados

foram normalizados para que se obtivessem dados mais fidedignos em face da comparação com o grupo e para que, a partir deles, fosse possível observar a classificação sociométrica de cada discente.

A partir de então, a pesquisa adentrou nas redes sociométricas com a aplicação de questionários sobre a natureza da felicidade e do bem-estar, a fim de compreender a relação dos membros de cada posição consigo mesmo, com a instituição escolar e com seus pares, e, de reconhecer as relações saudáveis, de modo a criar um clima escolar favorável ao envolvimento e à permanência do estudante.

O questionário utilizado foi composto de 24 (vinte e quatro) questões, preparado via *google forms*, e teve como objetivo compreender o nível de felicidade e satisfação quanto às relações dos estudantes no *campus*, sendo baseadas as questões na escala tipo *Likert*, de 6 pontos, variando de 1 (nada satisfeito) a 6 (extremamente satisfeito), organizadas em cinco categorias distintas. Foram apresentadas aos estudantes em sala de aula as perguntas pelos pesquisadores pessoalmente, utilizando um *notebook*, para facilitar as respostas. Somente responderam os estudantes que concordaram em voluntariamente participar da pesquisa. Sendo o instrumento quantitativo, utilizaram-se cálculos matemáticos estabelecidos a partir da formação adequada do instrumento para análise dos dados coletados.

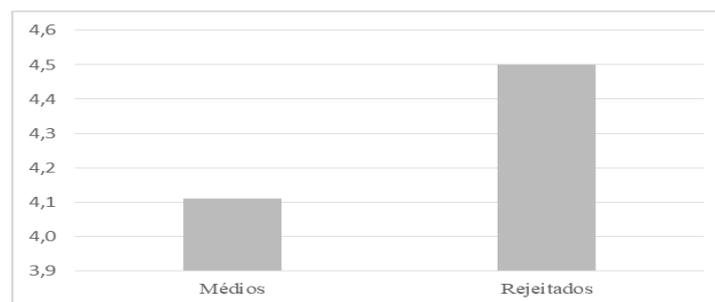
## Resultados

Como a pesquisa consistiu de dois momentos distintos (a aplicação dos testes sociométricos e a aplicação do questionário), houve alguns problemas para se obter um número significativo de participantes no curto intervalo de tempo, que compreendeu a aprovação do projeto guarda-chuva, sob o qual este estudo se abriga, e a redação desta proposta. Diante da volatilidade da presença do aluno jovem e adulto em todas as aulas por seus compromissos com tarefas outras que não as escolares, e diante da necessidade de se utilizarem somente as respostas daqueles que participassem de ambos os momentos de investigação para o entrelace dos dados, só foi possível obter um número representativo de estudantes que compunham o grupo dos médios e dos rejeitados na classificação sociométrica, ficando, portanto, para estudos posteriores, um cruzamento maior de dados em que serão levadas em consideração todas as outras categorias da classificação sociométrica.

Após a verificação dos estudantes que participaram de ambas etapas de investigação e a identificação de suas classificações sociométricas, o questionário foi dividido em cinco categorias, cujas respostas se enquadravam numa escala de 1 a 6, sendo 1 considerado o grau de menor satisfação e 6, o de maior satisfação. As categorias se dividiram, portanto, em: 1) percepções de felicidade; 2) satisfação com as relações interpessoais; 3) satisfação com o ambiente do *campus*; 4) satisfação com as atividades acadêmicas; 5) satisfação com os serviços e a infraestrutura do campus.

O Gráfico 1 apresenta o cruzamento entre os grupos de alunos classificados sociometricamente como médios e rejeitados, e seu grau de percepção sobre a felicidade com a própria vida como um todo, e em comparação com outras pessoas que os rodeiam.

**Gráfico 1** – Percepção de felicidade



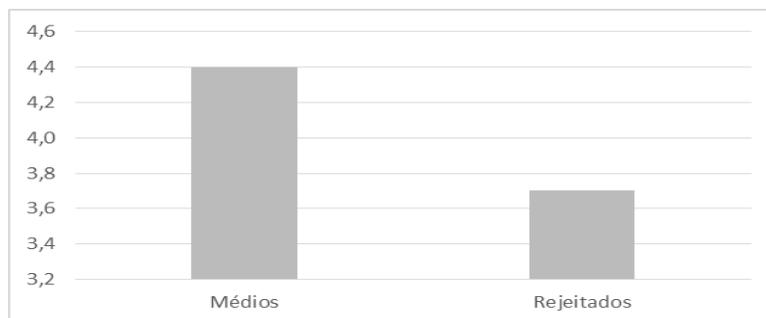
**Fonte:** os pesquisadores.

O Gráfico 1 pode parecer controverso, na medida em que era de se esperar que o grupo dos rejeitados fosse apresentar um grau de percepção da felicidade inferior ao apresentado pelos médios.

No entanto, é importante observar que essa primeira categoria não levou em consideração as inter-relações estabelecidas entre esses alunos e outras pessoas, mas sim sua percepção de si próprio, o que nos leva a ver que o que esses indivíduos veem de si próprios, independe do modo como eles são vistos pelo outro. Dessa forma, sendo o bem-estar subjetivo um aspecto que pode favorecer a maneira como vemos a nós mesmos e as outras pessoas, ele pode resultar em maior prazer individual em vivenciar as situações cotidianas e o relacionamento com pares.

O Gráfico 2 revela o nível de satisfação discente com suas relações entre eles mesmos e seus pares e entre eles e os agentes institucionais, englobando todos os servidores do *campus*.

**Gráfico 2 –**  
relações



Satisfação com as  
interpessoais

**Fonte:** os pesquisadores

Por meio do Gráfico 2, nota-se o quanto o nível de satisfação com a relação com o outro difere entre as classificações sociométricas. Tal como supracitado, os indivíduos classificados como rejeitados apresentam menores índices de sociabilidade. Neste sentido, as alterações na vida destes indivíduos, em nível social e econômico, provocam uma diminuição do bem-estar e qualidade de vida, assim como um aumento da vulnerabilidade proveniente de potenciais complicadores nas relações.

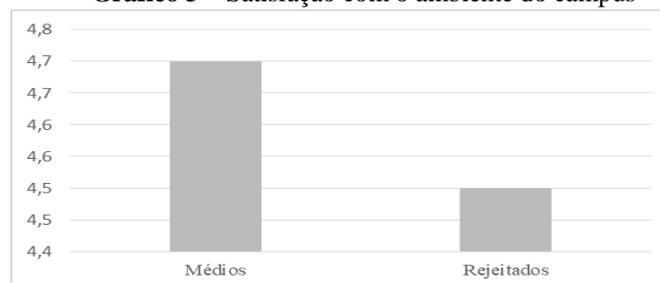
Portanto, quando uma pessoa vivencia um nível elevado de bem-estar subjetivo, pode-se dizer que está experimentando satisfação com a vida, felicidade, alta frequência de emoções positivas e baixa frequência de emoções negativas. Do mesmo modo, uma pessoa com baixo nível de bem-estar subjetivo não está tendo satisfação com a vida nem felicidade e vivencia mais emoções negativas do que emoções positivas (DIENER; SUH; OISHI, 1997, DIENER; SUH; LUCAS, 1999).

Assim, pode-se perceber que as relações sociais positivas mostram-se necessárias para o bem-estar. Há que se conseguir ter esse controle direto da experiência, ou seja, a capacidade de obter, instante a instante, prazer com o que se faz, pois, de todas as virtudes que se podem aprender, nenhuma se caracteriza como mais útil, mais essencial à sobrevivência e mais capaz de melhorar a qualidade de vida, do que a capacidade de transformar a adversidade num desafio gerador de satisfação (SELIGMAN, 2004).

Verificou-se, assim, através das respostas que as relações dos estudantes classificados como medianos no teste sociométrico estão fortalecidas dentro do *campus*, constituindo-se como fator favorável para o bem-estar subjetivo.

Já o Gráfico 3 aponta o grau de satisfação discente com o ambiente do *campus* como um todo, demonstrando um pouco do modo como o aluno vê o clima do ambiente institucional em que ele está inserido.

**Gráfico 3** – Satisfação com o ambiente do campus



**Fonte:** dados da pesquisa.

Novamente, os dados demonstrados no Gráfico 3 denotam que o grau inferior de sociabilidade apresentado pelos rejeitados pode interferir e ser interferido, pela maneira como ele vê o clima da instituição escolar em que ele está inserido, uma vez que perguntar sobre o ambiente do *campus* é também perguntar sobre as pessoas que compõem tal ambiente.

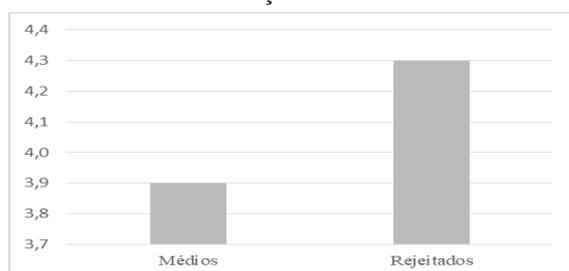
Seligman (2004) afirma que as relações sociais positivas mostram-se necessárias para o bem-estar. Sendo assim, observar que aqueles alunos que estabeleceram uma posição sociométrica de vínculos, mesmo que medianos com seus pares, aponta para o fato de que as relações dos estudantes estão fortalecidas dentro da instituição como um todo, quando também assim o estão com sua comunidade mais próxima, constituindo-se tal relação como um fator favorável para o bem-estar subjetivo.

Dayrell (2007) destaca que, no seu cotidiano, a escola convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos: alunos, professores, funcionários, pais; que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias, individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos; um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar.

Portanto, entende-se que o clima da instituição é uma forma de perceber o ambiente e demonstra pertencimento, respeito mútuo, valores. O modo como os membros da comunidade escolar se sentem nesse grupo influencia o comportamento desses mesmos sujeitos, ocorrendo o aumento ou diminuição de problemas sociais presentes no *campus*.

O Gráfico 4 demonstra a satisfação dos estudantes com as atividades acadêmicas, perpassando não só suas percepções com seu comprometimento pessoal, mas também suas relações com os docentes, com a metodologia e com o conteúdo ministrado nas aulas de seu curso.

**Gráfico 4 - Satisfação com as atividades acadêmicas**



**Fonte:** dados da pesquisa.

Tal como ocorreu durante a observação do Gráfico 1, contraditoriamente ao que se era esperado, em média, os discentes classificados sociometricamente como rejeitados apresentaram um nível de satisfação com as atividades acadêmicas bem superior ao nível apresentado pelos médios.

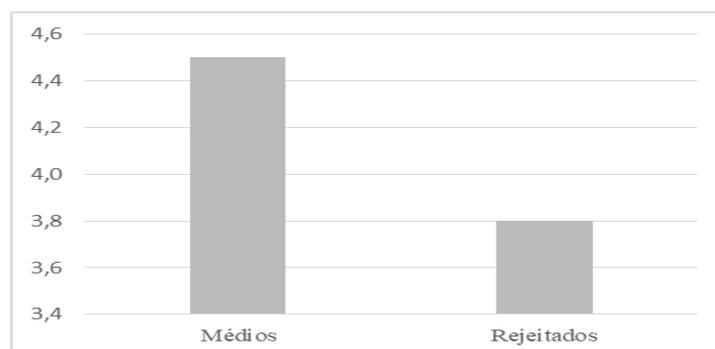
A partir destas respostas, cabe a reflexão sobre a densidade da importância dessas atividades para o fortalecimento das relações. Para Csikszentmihalyi (1999), a maior parte do nosso dia é preenchido com atividades de produção (trabalho, estudo, tarefas acadêmicas, etc.) e atividades de manutenção (cuidados pessoais, com a casa, deslocamento, etc.), sem deixar de se pensar nas atividades de lazer. Estabelecer relações de colaboração com os outros é, pois, de suma importância para que a pessoa desenvolva seu potencial, uma vez que é nessa interconexão, que pode nos mostrar o diferente ou confirmar nossas singularidades, que ocorre o maior crescimento pessoal.

Tal revelação conota, portanto, que apesar de esse aluno ser parte de um grupo com um nível de sociabilidade menor, ele não observa tal questão quando se fala em uma relação com agentes outros que não os seus pares e, conseqüentemente, não observa dificuldades em

aceder aos conteúdos escolares e aos ritos de que fazem parte, as representações do que se espera tradicionalmente de um aluno.

Por último, o Gráfico 5 evidencia o nível de satisfação dos discentes com o espaço físico do *campus* e com aqueles serviços que lhes são ofertados e que são diversos das aulas ministradas regularmente.

**Gráfico 5** –  
serviços e a  
*campus*



Satisfação com os  
infraestrutura do

**Fonte:** dados da pesquisa.

Por intermédio do Gráfico 5, percebe-se quanto o nível de satisfação com os serviços e infraestrutura do *campus* difere entre as classificações sociométricas. O conjunto de respostas dadas pelos discentes medianos comprova que um dos fatores fundamentais para o estabelecimento de boas relações é a satisfação dentro do *campus*. Csikszentmihalyi (1999, p. 22) aponta que “é nesse espaço público que os atos do indivíduo são avaliados pelos outros, onde ele compete por recursos e onde é possível estabelecer relacionamentos de colaboração com os outros”.

Estabelecer boas relações é o primeiro passo para se obter um bom ambiente. O relacionamento que construímos entre pares é a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional, pois, muitas vezes, se consegue ensinar melhor quando há respeito mútuo entre ambos e quando há convivência num ambiente harmonioso. Em outras palavras, onde as pessoas se respeitam e trocam afetos, o convívio se torna positivo, e as atividades passam a ser feitas de forma prazerosa e com mais satisfação. Para Csikszentmihalyi (1999), a

qualidade de vida não depende apenas da felicidade, mas daquilo que a pessoa faz para ser feliz.

No geral, pudemos notar que os discentes apresentaram uma boa relação com a instituição, sendo necessária uma incursão maior nas posições sociométricas e nas características que podem identificar o convívio de diferentes alunos na instituição, de modo que climas tóxicos possam ser tratados e climas favoráveis à aprendizagem possam ser catalisadores da permanência do estudante na instituição.

## **Considerações finais**

Dentro da escala sociométrica, com a aplicação dos questionários e o cruzamento de dados, identificaram-se as definições de bem-estar subjetivo e de felicidade em cinco categorias. A primeira categoria concebe o bem-estar através de critérios externos. A segunda categoria, formulada por cientistas sociais, tratou dos questionamentos sobre avaliação dos estudantes nas inter-relações em termos positivos, chamado de satisfação de vida, sendo vista como o componente cognitivo que complementa a felicidade, dimensão afetiva do funcionamento positivo (RYFF; KEYES, 1995). A terceira categoria considerou este como sendo o estado que denota uma preponderância do afeto positivo sobre o negativo (BRADBURN, 1969). A quarta e quinta categorias trataram sobre como os discentes enxergam a satisfação com as atividades acadêmicas e com os serviços e a infraestrutura do *campus*, que emergem como atividades de manutenção, favorecendo, assim, as relações interpessoais (CSIKSZENTMIHALYI, 1999).

Nesse sentido, foi enfatizada a experiência emocional de satisfação ou prazer proposta a partir de ações positivas que contribuíssem para seu envolvimento e permanência na instituição. Segundo Gonçalves (2006), a associação da felicidade com os valores constitui-se em um fato relevante a ser apontado, já que estes são importantes para a felicidade porque norteiam pensamentos, sentimentos e comportamentos, indicando atitudes a serem seguidas e discriminando o certo do errado. Os valores permeiam toda a vida das pessoas. E, nessas situações, a família, os amigos e as pessoas importantes são fundamentais para a construção e expressão dos valores, evidenciando, assim, a importância das relações interpessoais na edificação dos valores (GONÇALVES, 2006).

Sendo assim, a partir da análise dos dados, foi possível perceber que, no que concerne à satisfação com as relações interpessoais, com o ambiente do *campus* e com os serviços e a infraestrutura do *campus*, há uma relação de proporcionalidade direta entre as relações interpessoais e o grau de satisfação e de bem-estar percebido pelos estudantes. Essa observação nos apontou que a sociometria, ao revelar, de forma precoce, o nível de sociabilidade do estudante, pode servir também como um termômetro do envolvimento do estudante com a instituição e, mais do que isso, com sua percepção de ganhos ao fazer parte daquele espaço público.

Já no tocante ao grau de percepção da felicidade e de satisfação com as atividades acadêmicas, não foi observada uma relação direta entre tais variáveis e a sociabilidade verificada pela sociometria, levando-nos à conclusão de que, como esses dados se referiam às singularidades de cada respondente, as crenças de si próprios e as estimativas de realização e satisfação individuais podem se desprender das visões empreendidas pelos outros, mesmo que as inter-relações sejam fundamentais para a integração daqueles sujeitos no espaço escolar.

De acordo com Tinto (2017, p. 4), ao discorrer sobre a importância do senso de pertencimento para a permanência estudantil, “não é o envolvimento em si que importa – embora algum envolvimento seja melhor do que nenhum – mas a percepção desses envolvimento e o sentimento de pertença dos quais eles derivam”. Almejar a permanência do estudante é, sobretudo, oferecer-lhe um ambiente onde ele aprenda, ou seja, um espaço onde a educação é ofertada para todos, e não para apenas alguns estudantes. Sendo assim, o entrelace entre a sociometria e o sentimento de bem-estar foi de grande valia para compreender, de forma precoce, as percepções dos estudantes sobre a posição social que eles ocupavam naquele espaço e, assim, tornar possíveis intervenções que pudessem propagar relações sadias e minimizar relações nocivas.

## Referências

ALVES, D. J. **O teste sociométrico: sociogramas**. Porto Alegre, Brasil: Globo, 1974.

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. **O processo inclusivo nas aulas de educação física: um estudo sobre o teste sociométrico**. Revista da Educação Física/UEM, v. 21, n. 3, p. 479-491,

2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v21i3.7764>. Acesso em: 08 set. 2010.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRADBURN, N. M. **A estrutura do bem-estar psicológico**, Chicago: Aldine, 1969.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 11 jun. 2019.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A Descoberta do fluxo**. Rio de Janeiro: Ciência Atual, 1999.

COIE, J. D.; DODGE, K. A. **Multiple sources of data on social behavior and social status in the school: a cross-age comparison**. Child development, v. 59, n. 3, p. 815-829, 1988.

COIE, J. D.; DODGE, K. A.; COPPOTELLI, H. **Dimensions and types of social status: a cross-age perspective**. Developmental psychology, v. 18, n. 4, p. 557-570, 1982.

CRUZ, S. R. da. **Satisfação dos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio nas relações interpessoais: contribuições da psicologia positiva**. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-Ufrj, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3056>. Acesso em: 06 ago. 2020.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação e Sociedade, Educ. Soc. vol.28 no.100 Campinas. Outubro de 2007.

DIENER, E.; SUH, E.; Oishi, S. **Achados recentes sobre bem-estar subjetivo**. Indian journal of clinical psychology, v. 24, n. 1, p. 25-41, Abril de 1997.

DIENER, E.; SUH, E.; LUCAS, R.; SMITH, H. **Bem-estar subjetivo: três décadas de progresso**. Psychological Bulletin, v. 125, n. 2, p. 276-302, Março de 1999.

MORENO, J. L. **Fundamentos de la sociometría**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós, 1962. Tradução de J. Garcia Bouza e Saúl Karsz.

OLIVEIRA, C. V. **Os jovens e os seus pares: estudo sociométrico e psicopatológico de uma população escolar**. 1999. 304 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psiquiatria, Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 1999.

PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. **Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo.** Estudos de Psicologia. Campinas, v. 24, n. 4, p. 513-517, 2007.

RYFF, C. D.; KEYES, C. L. M. **A estrutura do bem-estar psicológico revisitada.** Jornal da personalidade e psicologia social, v. 69, n. 4, p. 719-727, 1995. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.69.4.719>. Acesso em: 17 jul. 2019.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

GONÇALVES, S. M. M. **Mas, afinal, o que é felicidade? Ou, quão importantes são as relações interpessoais na concepção de felicidade entre adolescentes /.** 2006. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://minerva.ufrj.br/F/96CYUM82BMYIXJQ7U3MH5T5RNXQJPSUVVYHTYMYSKIYHS3KUU9-41943?func=item> global&doc\_library=UFR01&doc\_number=000674880&year=&volume=&sub\_library=30Acesso em: 06 ago. 2020.

TINTO, V. **Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence.** The journal of Higher Education, Ohio, v. 68, n. 6, p. 599-623, nov. 1997

\_\_\_\_\_, V. **Reflections on Student Persistence. Student success,** [s.l.], v. 8, n. 2, p. 1-8, 22 jul. 2017. Queensland University of Technology. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5204/ssj.v8i2.376>. Acesso em: 16 jul. 2019.

